

Atitudes em relação à diversidade cultural: implicações psicopedagógicas

Félix Neto¹

Abordamos neste artigo dois padrões de atitudes necessários para que todos os grupos culturais possam encontrar as vias para conviverem conjuntamente numa sociedade multicultural: a ideologia multicultural e a tolerância étnica. A amostra foi constituída por duzentas e quatro pessoas, oscilando entre os 18 e os 83 anos. As escalas de Ideologia Multicultural e de Tolerância Étnica revelaram um funcionamento psicométrico adequado. Os resultados deste estudo denotam a existência de uma atitude predominantemente positiva em relação à diversidade cultural. O apoio à diversidade cultural variava segundo o sexo, mas não variava segundo a idade, o estado civil e a prática religiosa. O multiculturalismo e a tolerância apresentaram correlações positivas com a ideologia do papel de género, a integração e a auto-estima, e correlações negativas com o idadismo, a assimilação, a separação e a marginalização. As variáveis psicossociais contribuíram mais para a predição das atitudes em relação à diversidade cultural que as variáveis sociodemográficas. São discutidas algumas implicações psicopedagógicas desta investigação.

“As dificuldades de desenvolvimento e de aprendizagem cada vez mais constituem factor de preocupação de todos os intervenientes no sistema educativo – dos professores, das famílias destes aos responsáveis educativos, das instâncias de intervenção a toda a comunidade.” Raposo (1998, p. 17).

Tendo sido convidado para participar nesta obra de homenagem ao Professor Nicolau Raposo, a resposta que automaticamente perpassou pela minha mente foi a de estar presente, pois trata-se do reconhecimento público a uma personalidade que tem consagrado a sua vida ao labor em prol da Universidade de Coimbra e das Universidades portuguesas, prestando-lhes serviços de elevado mérito. Acontece sempre que neste género de situações me defronto com a dúvida existencial

¹ Universidade do Porto, Rua do Campo Alegre, 1021/1055, 4 150 Porto, Portugal.
Email: fneto@fpce.up.pt

sobre qual será o modo mais adequado para estar presente nestes momentos, se bem que julgue ter mais sentido estar presente que o conteúdo específico através do qual se possa concretizar essa presença.

A vasta obra científica produzida pelo Professor Nicolau Raposo é atravessada ao longo do tempo pela temática plurifacetada da *educação* (Raposo, 1995), tendo sido pioneiro, nos anos 70, o seu trabalho sobre *atitudes* em relação ao computador (Raposo, 1981). Proponho-me, assim, abordar as atitudes em relação à diversidade cultural, tema que no futuro ainda ganhará certamente maior destaque, pois à medida que o mundo se torna uma aldeia global, há cada vez mais instâncias de diversidade nas escolas e noutras instituições. Esta diversidade acarreta simultaneamente consequências positivas e negativas. Para certas tarefas, e sob condições específicas, a diversidade de pontos de vista pode levar a maior criatividade; noutras situações, a diversidade pode levar ao conflito.

Dentre os objectivos da educação intercultural são de referir o reconhecimento e a aceitação do pluralismo cultural como sendo uma realidade da sociedade, a contribuição para a instauração de uma sociedade de igualdade de direito e de equidade, a contribuição para o estabelecimento de relações interétnicas harmoniosas. Nesta óptica, a educação intercultural não é outra coisa senão uma educação adaptada às condições do nosso tempo em que a diversidade cultural, ideológica e religiosa é uma realidade da sociedade que os educadores não podem escamotear. Não se limita às escolas em que se encontram filhos de imigrantes e de minorias étnicas, mas dirige-se a todas as pessoas e visa prepará-las para participarem na construção de uma sociedade democrática e pluralista.

Até que ponto as pessoas oriundas de diversos meios culturais podem viver harmoniosamente no seio de sociedades plurais? Para esboçar respostas a esta ingente questão encontramos na Psicologia duas linhas de investigação: uma mais focalizada no estudo da aculturação e outra no estudo das relações intergrupais (Berry, 2001). A investigação sobre aculturação em psicologia intercultural focalizou-se sobretudo nas mudanças e na continuidade na orientação cultural dos imigrantes após a imigração, ao passo que a investigação sobre as relações intergrupais em psicologia social têm estudado as atitudes das pessoas da maioria em relação aos migrantes (Neto, 2002b). Focalizaremos neste artigo, mais em particular a nossa atenção em dois padrões de atitudes necessários para que todos os grupos culturais possam encontrar as vias para conviverem conjuntamente numa sociedade multicultural: a ideologia multicultural e a tolerância étnica.

A ideologia multicultural do grupo dominante da sociedade constitui um elemento fundamental das relações intergrupais. A ideologia multicultural refere-se à avaliação global do grupo maioritário em relação ao grau em que possui atitudes positivas face aos imigrantes e à diversidade cultural (Berry, e Kalin, 1995). Se para algumas pessoas a diversidade é a especiaria da vida, para outras constitui a principal irritabilidade nas suas vidas quotidianas. Perspectivar a diversidade cultural como um recurso valioso para a sociedade pressupõe uma ideologia multicultural positiva encontrando-se apoio para que os grupos etnoculturais mantenham e partilhem as suas culturas com as outras pessoas. Para além disso deve haver baixos níveis de intolerância ou de preconceito na sociedade. Pensamos que é fulcral avaliar as atitudes face à diversidade cultural para se estar consciente da orientação geral da população portuguesa em relação à opção multicultural.

Este estudo foi empreendido com um triplo objectivo. O primeiro objectivo consistiu em verificar como as Escalas da Ideologia Multicultural e de Tolerância Étnica funcionavam numa amostra portuguesa. O segundo objectivo foi o de verificar se haveria uma distribuição demográfica diferencial da diversidade cultural. Factores demográficos, tais como o sexo, a idade, o estado civil e a religião são considerados nesta investigação. Neulip, Chadoir e McCrossey (2001) encontraram que os homens americanos e japoneses eram mais etnocêntricos que as mulheres americanas e japonesas. Este resultado pode ser replicado junto de americanos (Lin e Rancer, 2003). Todavia, a investigação de factores demográficos tem suscitado resultados contraditórios sobre a natureza das relações com a diversidade cultural. Por exemplo, numa revisão da literatura sobre a relação entre preconceito e religião conclui-se que se alguns estudos apontam que os que iam à igreja eram mais preconceituosos, outros trabalhos ressaltam que eram mais baixos em preconceito (Cañero e Solares, 2002).

Estes resultados contraditórios sugerem que as diferenças demográficas nas atitudes face à diversidade cultural têm um efeito relativamente pequeno na percepção da diversidade cultural e que essas atitudes são influenciadas por outros factores.

O terceiro objectivo deste estudo foi o de examinar se as atitudes face à diversidade cultural podem ser compreendidas com base em factores psicossociais, em particular noutras formas de intolerância em relação ao género e à idade, nas estratégias de aculturação e na auto-estima.

O preconceito e a discriminação são áreas relevantes de aplicação na Psicologia Social (Neto, 2000). Tal como o racismo e o sexismo são termos amplamente utilizados na discussão do preconceito, também o termo idadismo permite descrever

o preconceito em relação a pessoas idosas. Segundo Butler (1978), o idadismo é uma “profunda desordem psicossocial caracterizada pelo preconceito institucional e individual contra os idosos, estereótipos, elaboração de mitos, aversão e/ou evitamento” (p. 14). O idadismo tem sido referido como sendo o terceiro grande *ismo* da nossa sociedade (a seguir ao racismo e ao sexismo; Butler, 1995).

A ideologia do papel de género refere-se a crenças sobre relações de papel adequadas entre mulheres e homens. Enquanto que os estereótipos de género são crenças consensuais mantidas acerca de características dos homens e das mulheres, a ideologia do papel de género consiste em crenças prescritivas acerca do comportamento apropriado às mulheres e aos homens. Efectivamente uma parte importante do processo de maturação tem a ver com o desenvolvimento de crenças, de atitudes e de valores a propósito dos direitos, papéis e responsabilidades de mulheres e de homens. A maior parte dos investigadores classificam as ideologias do papel de género ao longo de um continuum oscilando entre as ideologias tradicionais e as modernas. As ideologias tradicionais defendem que os homens são mais “importantes” que as mulheres e é apropriado que o homem domine a mulher. Por outro lado, as ideologias modernas apresentam uma perspectiva mais igualitária, em que homens e mulheres são igualmente importantes e rejeita-se a dominação de um género por outro. Toda uma abundante investigação tem sido conduzida a propósito das crenças dos papéis de género (Neto, 2000).

Tem-se encontrado frequentemente uma relação positiva entre preconceito contra diferentes exogrupos; as pessoas que são preconceituosas em relação a um grupo são mais susceptíveis de serem preconceituosas contra outros grupos (Allport, 1954).

A aculturação descreve o processo de mudança bidireccional que ocorre quando dois (ou mais) grupos etnoculturais entram em contacto continuado um com o outro. Os membros da maioria dominante podem ter diferentes orientações em relação à aculturação sobre o modo como os imigrantes e minorias étnicas se deveriam inserir na sociedade nacional. Assim o relacionamento intercultural pode suscitar quatro atitudes em relação à aculturação: Assimilação, Integração, Separação e Marginalização (Berry, 1997; Neto, 2002a). A Assimilação implica o abandono da própria identidade cultural em favor da da comunidade dominante. A Integração implica a manutenção parcial da identidade cultural do grupo étnico juntamente com uma participação cada vez mais acentuada no seio da nova sociedade. No caso do indivíduo não procurar estabelecer relações com a comunidade dominante e querer guardar a sua identidade cultural, opta pela Separação. Enfim, a Margina-

lização é o estado em que o grupo não-dominante perdeu a sua identidade cultural (muitas vezes por causa da política do grupo dominante em direcção da assimilação) e não tem o direito de participar no funcionamento das instituições e na vida do grupo dominante por causa de práticas discriminatórias. Se bem que estas quatro opções possam ser encontradas em sociedades pluralistas, só a integração contribui para definir uma sociedade multicultural. O multiculturalismo esboça-se quando o próprio grupo e os outros grupos culturais são valorizados e as principais instituições socio-políticas trabalham conjuntamente para os ligar a todos conjuntamente.

Quando as pessoas se sentem bem com elas próprias, estão em situação de também se poderem sentir bem em relação aos outros; pelo contrário, as pessoas que se sentem desconfortáveis consigo, podem ter atitudes semelhantes para com os outros. Há alguma evidência que apoia esta perspectiva. Por exemplo, Kehoe (1982) encontrou que a auto-estima estava associada positivamente com a avaliação da diversidade cultural numa ampla amostra de crianças.

Face ao problema da investigação definida para este estudo, tendo em conta os aspectos teóricos e as principais conclusões da revisão da bibliografia, foram estabelecidas como hipóteses:

Hipótese 1 – O sexo feminino tem scores mais altos de multiculturalismo e de tolerância do que o sexo masculino.

Hipótese 2 – O multiculturalismo e a tolerância têm correlações positivas com a ideologia do papel de género, a integração e a auto-estima, e correlações negativas com o idadismo, a assimilação, a separação e a marginalização.

Hipótese 3 – As variáveis psicossociais contribuem mais para a predição das atitudes em relação à diversidade cultural que as variáveis sociodemográficas.

Método

Participantes

A amostra foi constituída por duzentas e quatro pessoas, 68 do sexo masculino, 136 do sexo feminino. A média das idades foi de 41,67 anos (D.P.= 15,49), oscilando entre os 18 e os 83 anos. Relativamente ao estado civil 33,3% declararam-se solteiros, 55,4% casados, 6,9% divorciados e 4,4% casados. No que diz respeito à posição perante a religião 23,0 % afirmaram ser crentes praticantes, 53,9 % crentes não praticantes, 11,8% nem crentes nem praticantes, e 11.3 % não responderam.

Instrumentos

Os sujeitos completaram um questionário que incluía a obtenção de informação demográfica (e. g., idade, género, estado civil, religião) e as escalas, abaixo descritas:

Escala de Ideologia Multicultural. Esta escala foi desenvolvida por Berry e Kalin (1995) para o contexto canadiano. A escala foi adaptada para o contexto português e comporta dez itens que permitem avaliar o apoio em se ter uma sociedade diversa do ponto de vista cultural em que os grupos etnoculturais mantêm e partilham as suas culturas com os outros. Cinco destes itens estão direccionados negativamente. Os itens foram avaliados numa escala de tipo Likert com sete pontos, desde fortemente em desacordo (1) a fortemente de acordo (7). Exemplos destes itens podem ser vistos no Quadro 1.

Escala de Tolerância Étnica. Esta escala é uma escala de etnocentrismo desenvolvida por Berry e Kalin (1995) para o contexto canadiano. A escala foi adaptada para o contexto português e comporta sete itens que avaliam a vontade em aceitar pessoas ou grupos que culturalmente diferem de si próprio. Há dois itens que estão direccionados positivamente (indicando tolerância) e cinco itens direccionados negativamente (indicando preconceito). Uma pontuação elevada denota tolerância. Os itens foram avaliados numa escala de tipo Likert com sete pontos, desde fortemente em desacordo (1) a fortemente de acordo (7). Exemplos destes itens podem ser vistos no Quadro 2.

Idadismo. A adaptação portuguesa da versão original da escala de Fraboni (Fraboni, Salstone, e Hughes, 19990; Neto, 2004) comporta 25 itens que foram desenvolvidos para reflectir o construto de idadismo tal como foi definido por Butler (1978) e para incluir uma componente afectiva da atitude tendo como guia as definições de três dos cinco níveis de preconceito de Allport (1954). Exemplos de itens desta escala são: "Não gosto quando pessoas idosas tentam estabelecer uma conversa comigo" e "A companhia da maior parte das pessoas idosas é muito agradável". Os itens foram avaliados numa escala de tipo Likert com sete pontos, desde fortemente em desacordo (1) a fortemente de acordo (7). O coeficiente de consistência interna desta escala neste estudo foi de 0,89.

Escala da Ideologia do Papel de Género. Recorreu-se à forma breve da SRIS que comporta 14 itens (Kalin e Tilby, 1978; Neto, 1998). Exemplos de itens desta escala são: "A mulher deve preocupar-se mais em ajudar a carreira do marido do que em ter uma carreira própria" e "A mulher deve ter exactamente a mesma liberdade de acção que o homem". Os itens eram avaliados numa escala de formato Likert

com sete alternativas. As pontuações da escala eram obtidas invertendo os itens tradicionais e somando as avaliações do conjunto dos itens. Ou, por outras palavras, uma pontuação elevada no questionário representava uma posição igualitária e, uma pontuação baixa, uma posição tradicional. O coeficiente de consistência interna desta escala neste estudo foi de 0,85.

Estratégias de aculturação. Cada uma das quatro estratégias de aculturação (integração, assimilação, separação e marginalização) foi medida por uma questão para não alongar demasiado o questionário. Os itens foram avaliados numa escala de tipo Likert com cinco pontos, desde fortemente em desacordo (1) a fortemente de acordo (5). Por exemplo para se avaliar a separação utilizou-se o item: "Sinto que os imigrantes deveriam manter as suas próprias tradições culturais e não se adaptarem às portuguesas".

Auto-estima. Foi medida recorrendo à escala de Rosenberg (1986; Neto, 2003) por meio de 10 itens. Os itens foram avaliados numa escala de tipo Likert com cinco pontos, desde fortemente em desacordo (1) a fortemente de acordo (5). Exemplos de itens desta escala são: "Às vezes penso que não presto para nada." e "Sinto que tenho boas qualidades". O coeficiente de consistência interna desta escala neste estudo foi de 0,73.

Procedimento

O trabalho de campo foi realizado em 2005. Na apresentação dos questionários era solicitada a colaboração dos sujeitos, feito um apelo à sinceridade nas respostas e garantido o anonimato. Cada sujeito demorou entre 20 a 30 minutos a responder aos questionários. Depois de o completarem, agradeceu-se aos sujeitos e respondeu-se a algumas perguntas colocadas.

Resultados

Estatísticas descritivas e consistência interna

Antes de se examinar a consistência interna das escalas de Ideologia Multicultural e de Tolerância Étnica, as matrizes de correlações inter-itens foram submetidas à análise factorial em componentes principais.

No que se refere à Escala de Ideologia Multicultural, com base nos resultados canadianos, era esperado encontrar-se uma solução unifactorial dos dez itens. Nesta amostra portuguesa os dez itens revelaram contribuições elevadas (contribuição

mais baixa: .39) num só factor. As contribuições factoriais dos dez itens são apresentadas no quadro 1. 30.1% da variância foi explicada para os dez itens.

As intercorrelações da Escala de Ideologia Multicultural iam de $-.03$ a $.54$ tendo um valor médio de $.21$. A versão portuguesa desta escala mostrou uma consistência interna adequada. Cada um dos dez itens da escala obteve correlações de pelo menos $.30$ com o conjunto de todos os outros itens. O coeficiente de consistência interna desta escala foi de $.73$.

A pontuação média dos participantes na Escala da Ideologia Multicultural foi de 5.12 (D.P. = $.94$). Este valor está acima do ponto neutro da escala (4) denotando uma orientação moderadamente favorável em relação ao multiculturalismo.

No que se refere à Escala de Tolerância Étnica também se esperava encontrar uma solução unifactorial dos sete itens. Nesta amostra portuguesa os sete itens revelaram contribuições elevadas (contribuição mais baixa: $.53$) num só factor. As contribuições factoriais dos sete itens são apresentadas no quadro 2. 39.2% da variância foi explicada para os sete itens.

As intercorrelações da Escala de Tolerância Étnica iam de $.09$ a $.54$ tendo um valor médio de $.29$. A versão portuguesa desta escala mostrou uma consistência interna adequada. Cada um dos sete itens da escala obteve correlações de pelo menos $.35$ com o conjunto de todos os outros itens. O coeficiente de consistência interna desta escala foi de $.74$.

A pontuação média dos participantes na Escala da Tolerância foi de 5.35 (D.P. = 1.14). Este valor está acima do ponto neutro da escala (4) denotando uma orientação moderadamente tolerante.

Quadro 1 - Saturações factoriais e correlações item-score total dos itens da Escala de Ideologia Multicultural

Item	Saturações factoriais	Correlações corrigidas item-score total
1. Os portugueses deveriam reconhecer que a diversidade cultural é uma característica fundamental da sociedade portuguesa.	.57	.37
2. Deveríamos ajudar as minorias étnicas a preservar a sua herança cultural em Portugal.	.74	.56
3. É melhor para Portugal se as pessoas esquecerem o mais depressa possível, os seus meios de origem étnicos e culturais diferentes.	.54	.41
4. Uma sociedade que tem uma variedade de grupos étnicos e culturais está mais apta a defender-se dos novos problemas à medida que estes surgem.	.47	.30
5. A unidade deste país é enfraquecida pelos portugueses de diferentes meios de origem étnicos e culturais agarrados às suas velhas formas de vida.	.40	.32
6. Se os portugueses de diferentes origens étnicas e culturais querem manter a sua própria cultura, deveriam mantê-la para si próprios.	.57	.45
7. Uma sociedade que em uma variedade de grupos étnicos ou culturais tem mais problemas com a unidade nacional do que sociedades com um ou dois grupos culturais básicos.	.39	.30
8. Os portugueses deveriam fazer mais para aprenderem acerca dos costumes e herança cultural dos diferentes grupos étnicos e culturais neste país.	.69	.51
9. Os pais imigrantes devem encorajar os seus filhos na retenção da cultura e tradições da sua terra.	.47	.30
10. As pessoas que vêm para Portugal deveriam mudar o seu comportamento para serem mais parecidas connosco.	.52	.40

Quadro 2 - Saturações factoriais e correlações item-score total dos itens da Escala de Tolerância

Item	Saturações factoriais	Correlações corrigidas item-score total
1. É má ideia que pessoas de diferentes etnias casem uma com a outra.	.58	.43
2. Os que não são brancos que vivem aqui não devem esforçar-se para ir onde não são desejados.	.53	.38
3. Se os empregadores apenas querem contratar certos grupos de pessoas, isso é com eles.	.62	.46
4. Fico zangado(a) quando vejo imigrantes recentes na televisão a pedir os mesmos direitos que os portugueses.	.55	.38
5. É bom ter pessoas de diferentes grupos étnicos a viver no mesmo país.	.74	.56
6. Deveríamos promover a igualdade entre os portugueses independentemente da origem étnica.	.62	.42
7. Não me sinto à vontade numa sala cheia de pessoas de culturas diferentes que agem de modo diferente e que falam com um sotaque acentuado,	.71	.53

Tendo-se mostrado que as versões portuguesas das escalas de Ideologia Multicultural e de Tolerância Étnica possuem propriedades psicométricas desejáveis, o passo seguinte consistiu em examinar-se a relação entre estas escalas e outras medidas psicossociais com que se poderia esperar que estivessem relacionadas, bem como com as variáveis sociodemográficas.

Análises diferenciais e correlacionais

As médias e F rácio para a ideologia multicultural e para a tolerância étnica são mostradas no quadro 3 em relação a variáveis sociodemográficas: sexo, idade, estado civil e religião.

Encontraram-se diferenças significativas segundo o sexo na ideologia multicultural, $F(1, 202)=20.82, p<.001$ e na tolerância $F(1, 202)=14.31, p<.001$. O sexo feminino revelou-se mais favorável ao multiculturalismo e mais tolerante que o sexo masculino. Os efeitos da idade, do estado civil e da religião sobre a ideologia multicultural e a tolerância não se revelaram significativos.

Quadro 3 - Médias e F rácio da ideologia multicultural e da tolerância étnica em função de variáveis seleccionadas sociodemográficas

Variável	N	Ideologia multicultural	Tolerância étnica
Sexo		F=20.82**	F=14.31**
Masculino	68	4.71	4.93
Feminino	136	5.32	5.55
Idade		F=.24	F=1.73
18-39 anos	97	5.09	5,47
40-83 anos	106	5.15	5.26
Estado civil		F=.89	F=.25
Casado	113	5.18	5.38
Outro	91	5.05	5.30
Religião		F=2.31	F=1,81
Praticante	47	5.23	5.56
Crente não praticante	110	5.15	5.35
Nem crente nem praticante	24	4.76	5.02

*p<.05; **p<.01.

A ideologia multicultural estava correlacionada de modo significativo e positivo com a ideologia do papel de género, com a integração e com a auto-estima (quadro 4). A ideologia multicultural estava correlacionada de modo significativo e negativo com o idadismo, a assimilação, a separação e a marginalização.

As correlações da tolerância com as outras medidas psicológicas vão no mesmo sentido das verificadas com a ideologia multicultural. A tolerância estava correlacionada de modo significativo e positivo com a ideologia do papel de género, com a integração e com a auto-estima (quadro 4). A tolerância estava correlacionada de modo significativo e negativo com o idadismo, a assimilação, a separação e a marginalização. É de realçar ainda a elevada correlação entre os dois construtos que avaliam a diversidade cultural ($r = .65$).

Quadro 4 - Correlações entre as escalas de diversidade cultural e as outras medidas psicossociais

Medidas	Diversidade cultural	
	Multiculturalismo	Tolerância
Ideologia do papel de género	.51**	.52**
Idadismo	-.43	-.51**
Integração	.34**	.43**
Assimilação	-.39**	-.43**
Separação	-.32**	-.49**
Marginalização	-.23**	-.28
Auto-estima	.22**	.22**
Multiculturalismo	-	.65**

* $p < 0.05$; ** $p < 0.01$

Predição das atitudes em relação à diversidade cultural

Para se verificar até que ponto as variáveis psicossociais contribuem mais para a predição das atitudes em relação à diversidade cultural que as variáveis sociodemográficas, foi efectuada uma última análise neste estudo. Utilizou-se o procedimento de regressão múltipla (“stepwise”) para determinar quais as variáveis que prediriam melhor o multiculturalismo e a tolerância.

Como se pode observar no quadro 5, a ideologia do papel de género é o termo com maior contribuição para a predição do multiculturalismo, sendo também termos de predição significativos a assimilação, o idadismo e a integração. As quatro variáveis explicam 34% da variância da ideologia multicultural.

Quadro 5 - Análise de regressão múltipla para a variável ideologia multicultural

Passo	Variável	R múltipla	R2	Beta	t
1	Ideologia do papel de género	.50	.25	.50	.8.28***
2	Assimilação	.56	.31	-.25	-4.13**
3	Idadismo	.58	.33	-.17	-2.30*
4	Integração	.59	.34	.13	1.99*

* $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$.

Nota: os valores beta e t são relativos ao passo em que a variável entrou na equação

Como se pode observar no quadro 6, a ideologia do papel de género é também o termo com maior contribuição para a predição da tolerância, sendo também termos de predição significativos a marginalização, a assimilação e o idadismo. As quatro variáveis explicam 46% da variância da tolerância.

Quadro 6 - Análise de regressão múltipla para a variável tolerância étnica

Passo	Variável	R múltipla	R2	Beta	t
1	Ideologia do papel de género	.52	.27	.52	.8.58***
2	Marginalização	.62	.38	-.36	-5.98***
3	Assimilação	.66	.43	-.25	-4.38***
4	Idadismo	.68	.46	-.19	-2.89**

* $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$.

Nota: os valores beta e t são relativos ao passo em que a variável entrou na equação

Discussão

Este estudo abordou as perspectivas de uma amostra portuguesa num vasto leque etário sobre dois componentes psicológicos da diversidade cultural: o multiculturalismo e a tolerância. Estas duas escalas revelaram um funcionamento psicométrico adequado. Os resultados deste estudo denotam a existência de uma atitude predominantemente positiva em relação à diversidade cultural. Com efeito, na escala que mede a Ideologia Multicultural 86.8% situavam-se no pólo positivo da escala (9.8% no pólo negativo) o que indica uma rácio de quase 9 para 1. Esta amostra apoia em geral o multiculturalismo. No que se refere à tolerância, 85.3% situavam-se no pólo tolerante (12.7% no pólo preconceituoso) o que indica uma rácio de quase 7 para 1. Esta amostra aponta pois para resultados geralmente tolerantes e não tanto preconceituosos. Estes resultados estão em consonância com investigação anterior em contexto português. Por exemplo, num estudo efectuado com adolescentes, 4% dos jovens assumiam-se claramente como racistas (Neto, e Ruiz, 1998). Mais recentemente, verificou-se que 84% de jovens oriundos de famílias imigrantes a residir em Portugal (de Angola, de Cabo Verde e da Índia) situavam-se abaixo do ponto médio neutro de discriminação percebida (Neto, in press). Estes resultados apontam para uma ocorrência relativamente baixa da percepção de actos pessoais de discriminação em adolescentes provenientes de famílias imigrantes em Portugal. Com efeito, é um dado à partida muito optimista, termos veri-

ficado que a grande maioria das pessoas inquiridas manifesta tolerância e abertura ao multiculturalismo. Porém, o pequeno número de pessoas assumidamente etnocêntricas, não deve ser ignorado. O período que atravessamos, tende a ser propício ao exacerbamento xenófobo. Devemos estar atentos a esta situação, dado que é importante sensibilizar e consciencializar as pessoas para que, face à intolerância e à exclusão manifestada pelos outros, não se dever responder da mesma forma, correndo assim o risco de se cair nas mesmas armadilhas.

Em consonância com estas observações, consideramos que a educação intercultural pode e deve ter um papel fundamental tanto ao nível da formação das atitudes ao longo da vida, como na prevenção de situações que denotem atitudes xenóforas. Por este facto, a educação intercultural não deve, em nosso entender ser um domínio curricular desgarrado dos outros “ambientes” curriculares. Deve, antes de mais, ser uma postura, uma atitude presente em todas as disciplinas, nos instrumentos pedagógicos (que em muitos casos terão que ser reformulados, reinventados...), quer através dos conteúdos programáticos. Em suma, a educação intercultural deve ser uma atitude transversal ao currículo a qualquer que seja o grupo etário que se destine.

O apoio à diversidade cultural variava segundo o sexo, mas não variava segundo a idade, o estado civil e a prática religiosa. As mulheres revelaram pontuações mais elevadas na ideologia multicultural e na tolerância étnica que os homens. Os nossos resultados estão em consonância com estudos anteriores (Neulip et al., 2001; Lin e Rancer, 2003) no que se refere às diferenças de género no etnocentrismo. Por exemplo, as diferenças de género no etnocentrismo têm sido atribuídas a diferenças gerais na personalidade, isto é, as mulheres sendo geralmente mais confiantes e abertas seriam menos etnocêntricas (Neulip et al., 2001). Relembre-se que as diferenças sexuais aqui encontradas relativamente às atitudes em relação à diversidade cultural, também foram encontradas em relação a outras formas de intolerância. As mulheres revelaram-se mais igualitárias na ideologia do papel de género (Neto, 1998) e menos idadistas (Neto, 2004) que os homens. No corrente estudo os dois construtos da diversidade cultural estavam relacionados com a ideologia do papel de género e com o idadismo de acordo com o que fora previsto. Ou por outras palavras, quanto mais as pessoas se mostram abertas à diversidade cultural mais se revelam igualitárias nas relações entre homens e mulheres e mostram menos preconceito em relação às pessoas idosas.

As estratégias de aculturação mostraram estar substancialmente relacionadas com a diversidade cultural: a integração está associada positivamente à diversidade

cultural e as restantes três orientações (assimilação, separação e marginalização) estão negativamente associadas. Este padrão encontramos-lo não só em relação à ideologia multicultural como também em relação à tolerância. Confirma-se pois que o único modo de relacionamento intercultural susceptível de definir uma sociedade multicultural é a integração. Ora tendo em conta que esta estratégia é a mais desejada tanto pela sociedade receptora como pelos próprios imigrantes (Neto, 2002a), não parece estarmos a este nível tanto perante uma situação conflitual na sociedade portuguesa como antes perante uma situação consensual e harmoniosa.

No que se refere à hipótese sobre a relação entre diversidade cultural e auto-estima foi também confirmada, pois o apoio à diversidade cultural apareceu associado significativamente à auto-estima. Por outras palavras, quanto maior é a auto-estima, tanto mais elevada é a ideologia multicultural e a tolerância étnica. Estes dados estão em consonância com o que se tem verificado em diferentes países sobre a relação positiva entre apoio à diversidade cultural e auto-estima (e.g., Finch, Kolody, e Veja, 2000; Verkuyten, 2003).

Muito embora os construtos psicossociais, tais como ideologia do papel de género, estratégias de aculturação e idadismo, contribuam mais para prever a diversidade cultural que variáveis sociodemográficas, é evidente que há algo mais envolvido na equação do multiculturalismo e da tolerância que os construtos psicossociais e sociodemográficos considerados, pois só explicam pouco mais de um terço da variância da ideologia multicultural e quase metade da variância da tolerância étnica. Por isso estudos futuros a empreender deverão examinar as relações das atitudes face à diversidade com outros construtos.

Na sequência do presente estudo pode-se levantar a seguinte questão: tendo em conta que nesta investigação se encontraram intercorrelações estatisticamente muito significativas ($> .40$) entre os construtos de ideologia multicultural, tolerância étnica, ideologia do papel de género e idadismo, no caso de se delinearem programas de intervenção para reduzir o preconceito étnico automaticamente se reduzirão outras formas de preconceito, tais como as relacionadas com o género e a idade? Procuraremos averiguar uma resposta a esta questão em futuro trabalho.

Está-se a assistir em muitas partes do mundo, incluindo em Portugal, a uma mudança para valores educativos que necessitam de se basear em atitudes multiculturais positivas. O que se tem aprendido sobre estas atitudes que nos possam guiar na prossecução destes objectivos e informar sobre o planeamento de programas educativos? Podem-se avançar três princípios (Berry, 2001): 1) Não denegrir (apoia a "confiança"); 2) não glorificar (promove "auto-avaliação realista"); 3) Não

isolar (busca de “partilha e interacção”). Os dois primeiros princípios necessitam de serem seguidos antes da prossecução do terceiro, pois perante a continuação de padrões etnocêntricos de denegrimiento e de glorificação, contacto, interacção e partilha não são susceptíveis de levar à tolerância (Amir, 1969). Pelo contrário, são mais susceptíveis de reforçar o etnocentrismo existente e de induzir conflito. Programas educativos específicos (tais como novos manuais e novos módulos) e programas comunitários podem ser delineados tendo em conta estes princípios. O prémio de se enveredar por atitudes multiculturais positivas será a concretização de um sistema educativo intercultural ao serviço de uma sociedade multicultural.

A diversidade na sociedade não só é uma das especiarias da vida, como também fornece vantagens competitivas na diplomacia e no comércio internacional. Talvez a maior importância advinha da perspectiva dos sistemas sociais em que a diversidade cultural aumenta a adaptabilidade da sociedade. Quando surgem mudanças num contexto político ou ecológico de uma sociedade, há modos alternativos de vida disponíveis nos sistemas sociais.

Bibliografia

- Allport, G. (1954). *The nature of prejudice*. Reading, Mass: Addison-Wesley.
- Amir, Y. (1969). Contact hypothesis in ethnic relations. *Psychological Bulletin*, 71, 319-341.
- Berry, J. (2001). A psychology of immigration. *Journal of Social Issues*, 57, 615-631.
- Berry, J. W. (1997). Immigration, acculturation, and adaptation. *Applied Psychology: An International Review*, 46(1), 5-34.
- Berry, J. W., e Kalin, R. (1995). Multicultural and ethnic attitudes in Canada: An overview of the 1991 national survey. *Canadian Journal of Behavioural and Science*, 27, 301-320.
- Butler, R. N. (1978). Thoughts on aging. *American Journal of Psychiatry*, 135, 14-16.
- Butler, R. N. (1995). Ageism. In G. Maddox (Ed.), *The encyclopedia of aging* (2nd ed., pp. 38-39). New York: Springer.
- Cañero, J., e Solanes, A (2002). Religião y prejuicio: Una relación paradójica? *Psicología, Educação e Cultura*, 6(2), 243-278.
- Finch, B. K., Kolody, B., e Vega, W. A. (2000). Perceived discrimination and depression among Mexican-origin adults in California. *Journal of Health and Social Behavior*, 41, 295-313.
- Fraboni, M., Salstone, R., e Hughes, S. (1990). The Fraboni Scale of Ageism (FSA): An attempt at a more precise measure of ageism. *Canadian Journal on Aging*, 9, 56-66.
- Kalin, R., e Tilby, P. J. (1978). Development and validation of a sex-role ideology scale. *Psychology Reports*, 42, 731-738.
- Kehoe, J. (1982). Ethnocentrism, self-esteem and appreciation of cultural diversity. *Canadian Ethnic Studies*, 14, 69-78.

- Lin, Y., e Rancer, A (2003). Sex differences in intercultural communication apprehension, ethnocentrism, and intercultural willingness to communicate. *Psychological Reports*, 92, 195-200.
- Neto, F. (1998). Ideologia do papel de género. In *Ensaios de homenagem a Joaquim Ferreira Gomes*, pp. 541-549. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Neto, F. (2000). *Psicologia Social*, vol. 2. Lisboa: Universidade Aberta.
- Neto, F. (2002a). Acculturation strategies among adolescents from immigrant families in Portugal. *International Journal of Intercultural Relations*, 26, 17-38.
- Neto, F. (2002b). *Psicologia Intercultural*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Neto, F. (2003). *Estudos de psicologia intercultural: Nós e outros*, 2ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Neto, F. (2004). Idadismo. In M. Lima, e M. Pereira (Orgs), *Estereótipos, preconceitos e discriminação*, pp. 279-300. Salvador: Editora UFBA.
- Neto, F. (in press). Psycho-social predictors of perceived discrimination among adolescents of immigrant background: A Portuguese study. *Journal of Ethnic and Migration Studies*.
- Neto, F., e Ruiz, F. (1998). Atitudes pré-xenófobas em pré-adolescentes. *Psicologia, Educação e Cultura*, 2(1), 189-201.
- Neulip, J. W., Chaudoir, M., e McCroskey, J. (2001). A cross-cultural comparison of ethnocentrism among Japanese and United States college students. *Communication Research Reports*, 18, 137-146.
- Raposo, N. (1981). *O computador e a avaliação da aprendizagem*. Coimbra: Coimbra Editora, Lda.
- Raposo, N. (1995). *Estudos de psicopedagogia*, 2ª ed. Coimbra: Coimbra Editora.
- Raposo, N. (1998). Objecto, perspectiva histórica, vias de acesso e teorias explicativas das dificuldades de desenvolvimento e aprendizagem. In N. Raposo, M. Bidarra, e M. Festas, *Dificuldades de desenvolvimento e aprendizagem*, pp. 16-86. Lisboa: Universidade Aberta.
- Rosenberg, M. (1986). *Conceiving the self*. Melbourne: Krieger.
- Verkuyten, M. (2003). Positive and negative self-esteem among ethnic minority early adolescents: Social and cultural sources and threats. *Journal of Youth and Adolescence*, 32, 4, 267-277.

Résumé

Nous approchons dans cet article deux attitudes nécessaires pour que tous les groupes culturels puissent trouver les manières de coexister ensemble dans une société multiculturelle : l'idéologie multiculturelle et la tolérance ethnique. L'échantillon a été constitué par deux cents et quatre personnes, oscillant entre les 18 et 83 années. Les échelles d'Idéologie Multiculturelle et de Tolérance Ethnique ont révélé un fonctionnement psychométrique adéquat. Les résultats de cette étude dénotent l'existence d'une attitude majoritairement positive concernant la diversité culturelle. Le support à la diversité culturelle variait selon le sexe, mais ne variait pas selon l'âge,

l'état civil et la pratique religieuse. Le multiculturalisme et la tolérance ont présenté des corrélations positives avec l'idéologie du rôle du genre, l'intégration et l'auto-estime, et les corrélations négatives avec l'âgisme, l'assimilation, la séparation et la marginalisation. Les variables psychosociales ont contribué plus à la prédiction des attitudes concernant la diversité culturelle que les variables sociodémographiques. On discute quelques implications psychopédagogiques de cette recherche.

Abstract

We approach in this paper two patterns of attitudes in order that all the cultural groups can find the ways to coexist jointly in a multicultural society: the multicultural ideology and the ethnic tolerance. The sample was constituted by two hundred and four participants, oscillating between the 18 and 83 years. The scales of Multicultural Ideology and Ethnic Tolerance showed adequate psychometric properties. The results of this study denote the existence of predominantly positive attitudes in relation to the cultural diversity. The support to the cultural diversity varied according to the gender, but it did not vary according to age, the civil state and the religiosity. The multiculturalism and the tolerance showed positive correlations with the role gender ideology, the integration and self-esteem, and negative correlations with the ageism, the assimilation, the separation, and the marginalization. The psychosocial variables contributed more for the prediction of the attitudes in relation to the cultural diversity that the sociodemographic variables. Some psychopedagogical implications of this survey are discussed.